

# BATALHA FINAL

ROBERT MUCHAMORE

Tradução de  
Miguel Marques da Silva



---

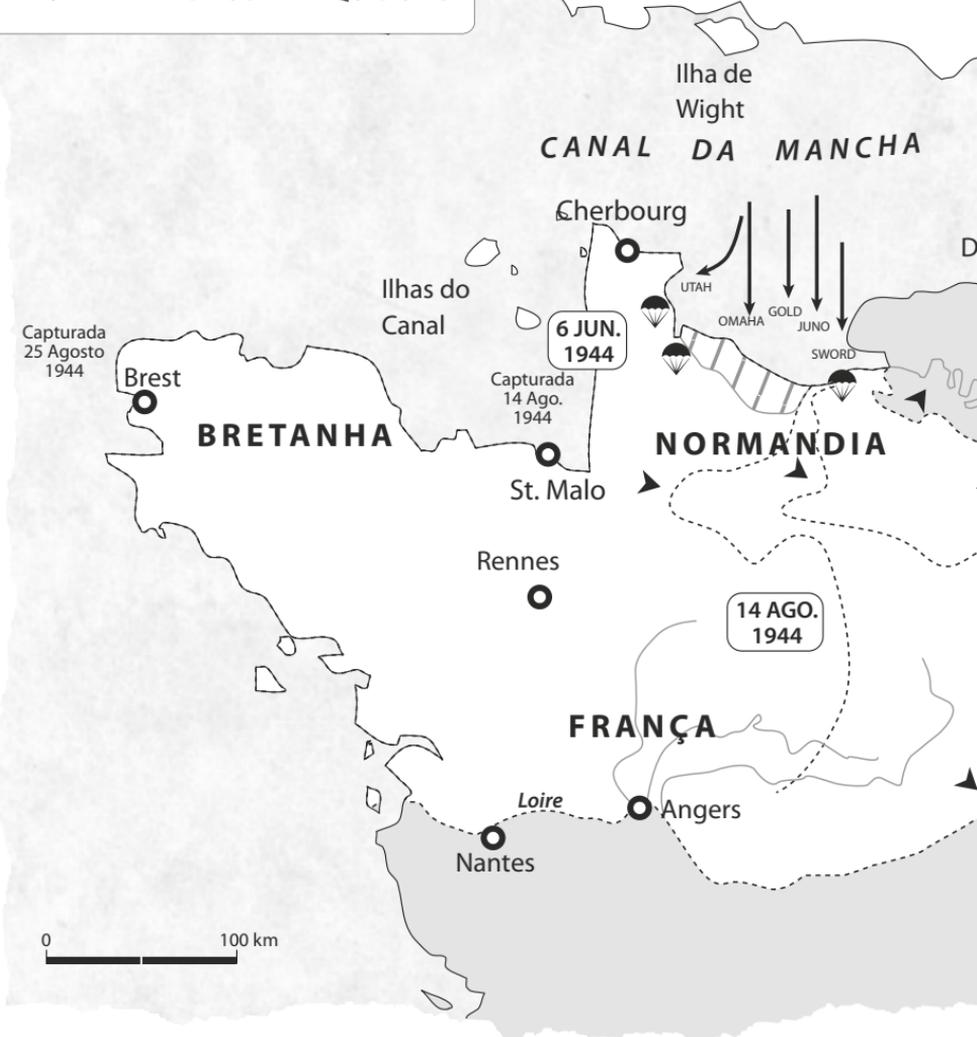
# Parte Um

---

5 de junho – 6 de junho de 1944

# NORTE DE FRANÇA JUNHO-AGOSTO 1944

- FRONTEIRA
- ~ RIO
- MAR/LAGO
- LOCAIS-CHAVE
- ▶ AVANÇO ALIADOS
- DESEMBARQUES NA NORMANDIA
- ☒ ATERRAGENS DE PARAQUEDISTAS





Dover

Calais

**BÉLGICA**

ieppe

Abbeville

Amiens

Rouen

Beauvais

★ PARIS

19 AGO.  
1944

Fontainebleau

Orléans

25 AGO.  
1944

Somme

Sena

Hitler garantia que o seu império europeu duraria 1000 anos, mas em junho de 1944 o domínio nazi vivia os seus últimos dias de glória. A leste, a União Soviética recuperara todo o território invadido três anos antes e o Exército Vermelho aproximava-se da fronteira alemã. Em Itália, as forças americanas tinham avançado para norte, até aos arredores de Roma, enquanto no Reino Unido 6000 navios e meio milhão de soldados faziam os preparativos finais para a travessia do Canal da Mancha.

França continuava sob ocupação alemã, mas os recursos dos nazis estavam esticados ao máximo e a população começava a revoltar-se. As organizações de resistência estavam infiltradas em todos os aspetos da vida francesa e milhares de jovens preferiam fugir a submeterem-se à deportação e ao trabalho forçado nas fábricas e minas da Alemanha.

Muitos desses foragidos formavam bandos, conhecidos como maquis. A maioria vivia nas montanhas e nos bosques, em abrigos improvisados e obrigados a roubar para viver. Até ao desembarque dos Aliados, esses jovens eram uma das maiores ameaças ao domínio alemão em França e os nazis estavam determinados a eliminá-los.

# Capítulo Um

---

*Segunda-feira, 5 de junho de 1944*

– As segundas-feiras nunca gostaram de mim – comentou Paul Clarke, tentando manter-se animado, apesar da careta de dor.

O rapaz de 15 anos torcera o tornozelo e deslizara por um barranco. A mochila castanha que levava às costas amortecera o impacto, mas tinha as calças sujas de lama e água dentro das botas.

– Estás a divertir-te? – perguntou Luc Mayefski, estendendo-lhe a mão enquanto a chuva lhes tamborilava nos casacos impermeáveis.

As mãos dos dois adolescentes não podiam ser mais diferentes. Os dedos finos do irmão de Rosie seguraram-se a um punho maciço. Mesmo com 30 quilos de explosivos na mochila de Paul, Luc levantou o camarada magro da lama sem o mais pequeno esforço.

Se estivessem sozinhos, o rufia teria troçado da queda de Paul, mas os dois agentes treinados por Charles Henderson, da Unidade B de Espionagem e Reconhecimento, também conhecida

como CHERUB, tinham de se mostrar unidos perante os companheiros menos experientes, Michel e Daniel.

Michel era um *maqui* de 18 anos, emaciado ao fim de nove meses a viver nos bosques, com cabelo desgrenhado e um arame torcido a segurar a sola da bota direita. O irmão, Daniel, tinha apenas 11 anos. O pai deles estava preso na Alemanha e a mãe desaparecera depois de ser detida pela Gestapo. Daniel preferia viver a monte com o irmão a ser enfiado num orfanato.

– Os explosivos estão bem? – perguntou Daniel quando Paul se juntou aos dois irmãos no trilho lamacento que seguia pela base da encosta arborizada.

– O explosivo plástico é estável – explicou o espião, testando o tornozelo e decidindo que a dor era suportável. – Podemos cortá-lo e moldá-lo em segurança. Não explodia nem que lhe batesses com um martelo.

Luc verificou a sua bússola e seguiu em frente, estreitando os olhos devido ao sol matinal que brilhava pelo meio dos troncos. Estava a suar, apesar da chuva, e gostava do cheiro a terra molhada e do barulho viscoso que as botas faziam ao bater no chão.

Paul e Michel estavam cansados ao fim de 15 quilómetros com mochilas pesadas, mas Daniel deixara-os orgulhosos. Caminhara toda a noite, mas recusara-se a parar mesmo quando começou a sentir dores musculares.

Luc estivera por aqueles lados dois dias antes, numa missão de reconhecimento, e saiu do trilho num ponto que marcara com dois paus cravados na terra mole.

– Aqui em cima temos uma boa vista – explicou ao mostrar

o caminho. – Mas façam pouco barulho. O som propaga-se pelo vale e não estamos longe do guarda.

– Se houver um guarda – observou Paul.

A vegetação era densa e Michel teve de levantar o irmão para passarem um ribeiro rápido que se encontrava inchado pela chuva da noite. Quando o *maqui* pousou Daniel no chão, Paul sentiu-se tocado pela maneira como Michel passou um braço pelas costas do irmão e lhe deu um beijo na cara.

– Estou orgulhoso de ti – segredou o *maqui*.

Daniel sorriu antes de se afastar, envergonhado, quando percebeu que Paul estava a olhar.

Ao fim de mais alguns passos, Luc agachou-se e afastou uns ramos. A vista na saliência rochosa dava para um vale íngreme entre montes de greda branca. Paul sentiu gotas de água a pingarem das folhas para o seu pescoço quando espreitou para duas linhas férreas ao fundo do vale. 60 metros à sua direita, as linhas entravam num túnel aberto na encosta íngreme.

– Era impossível bombardear este sítio do ar – sussurrou Luc, tirando uns binóculos Zeiss do estojo.

Depois de limpar a condensação das lentes, Luc levou os binóculos alemães aos olhos e observou uma guarita de madeira perto da entrada do túnel. A imagem ampliada mostrava um cadeado na porta da guarita, mas nem um único sinal de vida.

– Estamos com sorte – comentou o rufia.

O túnel fazia parte de uma linha férrea que seguia para norte de Paris, até Calais e o Canal da Mancha, ou para leste, até à Bélgica e à Alemanha. Os alemães tinham construído guaritas

à entrada de centenas de pontes e túneis importantes, mas só tinham soldados para uma mão-cheia desses sítios.

– Belos binóculos – comentou o irmão de Rosie quando Luc lhe emprestou. – Onde é que os arranjaste?

– *Osttruppen*<sup>1</sup> bêbedos – explicou o adolescente. – São capazes de trocar o uniforme que trazem vestidos por uma garrafa de conhaque.

Paul afastou-se do penhasco e Luc olhou para o seu relógio de bolso.

– Se houver um guarda do outro lado, podemos apanhá-lo de surpresa. O nosso comboio deve chegar ao túnel por volta das 7h00. Isso dá-nos meia hora para armadilhar o túnel e pormo-nos em posição, mas, com as sabotagens e os bombardeamentos, não há garantias de que os comboios andem a horas. Especialmente um comboio vindo de tão longe como Hanôver.

Enquanto Luc falava, Paul tirou as alças de pano dos ombros esfolados e gemeu de alívio quando pousou a mochila no chão. Um dedo exploratório por baixo do colarinho da camisa veio sujo de sangue, mas não havia tempo para primeiros socorros.

Depois de abrir a mochila, o irmão de Rosie tirou dois sacos de pano encardidos. Pareciam sacos de batatas cheios até meio, mas os pedaços irregulares eram explosivo plástico, ligados por um cabo detonador como se fossem luzes de Natal gigantescas.

---

<sup>1</sup> *Osttruppen* – Soldados alemães recrutados em países ocupados, como a Rússia, a Ucrânia e a Polónia. A maioria voluntariava-se para não morrer à fome nos campos de trabalho. Os *osttruppen* eram considerados maus soldados e eram enviados para tarefas menos dignas, como limpar latrinas, enterrar corpos e trabalhar como criados de oficiais graduados. (N. do T.)

– Lembra-te do que o Henderson falou – disse Paul para Michel. – A parte mais frágil do túnel é a entrada, por isso põe mais explosivos aí.

Enquanto Luc e Michel pegavam num saco cada e o punham ao ombro juntamente com as mochilas pesadas, Paul fitou Daniel e tentou soar animado.

– Pronto para uma caminhada?

Os irmãos abraçaram-se rapidamente. Luc passou os binóculos a Daniel e conduziu Michel pela encosta do vale.

– Se partires os binóculos, racho-te ao meio – avisou o rufia.

Como não estava ninguém de guarda, Luc e Michel tinham pela frente uma descida fácil até à entrada do túnel, usando degraus irregulares talhados na pedra branca. Quando chegassem à entrada, a tarefa seguinte seria desenrolar a fiada de explosivos ao longo dos 300 metros de túnel, fugir para uma distância segura e esperar pelo sinal para detonar os explosivos.

Enquanto isso, Paul e Daniel tinham de encontrar um bom ponto de vigia no cimo do monte coberto de árvores atravessado pelo túnel. Quando estivessem em posição, tinham de identificar o alvo, um comboio de carga de 600 metros de comprimento que levava 20 tanques Tiger II, dezenas de peças de artilharia de 88 milímetros e um suprimento de peças e munições que manteria o 108.º Batalhão Panzer a funcionar durante várias semanas.

Depois de tirar os explosivos, o peso da mochila de Paul passara de 30 quilos para menos de quatro. A merenda de pão, queijo e maçãs ficara amassada depois de uma noite inteira no fundo da mochila, mas os dois rapazes comeram com apetite e partilharam

um cantil de leite enquanto seguiam um trilho até ao cimo do monte.

Dois comboios atravessaram o túnel para sul enquanto subiam a encosta, e o irmão de Rosie deu graças por estar ali ao ar fresco e não a colocar explosivos no túnel escuro e repleto de fuligem.

– Espero que eles estejam bem – comentou Daniel, preocupado, quando viu fumo a sair das duas pontas do túnel.

– Têm de se manter agachados e tapar a cara com um pano molhado – disse Paul. – Não é divertido, mas não mata ninguém.

Daniel não se preocupou mais quando fez uma curva no trilho estreito e avistou outro marcador deixado por Luc durante a missão de reconhecimento. A floresta densa tornava impossível avistar os comboios a partir do solo, mas Luc dissera que trepara até uma posição de onde conseguia ver os comboios a aproximarem-se pela linha sinuosa a vários quilómetros de distância.

O rapaz de 11 anos não viera só para fazer companhia ao irmão. Na sua infância em Paris, ganhara fama de aventureiro por trepar a telhados, mergulhar de pontes e partir os dois braços quando o desafiaram a saltar de uma varanda para outra. Depois de se juntar aos *maquis* nos bosques a norte de Paris, demonstrara habilidade como vigia na floresta, capaz de trepar a ramos demasiado finos para suportarem o peso de um adulto.

– Tenho de me livrar deste material todo – disse Daniel.  
– Põe na tua mochila, no caso de precisarmos de fugir depressa.

Paul não gostou de receber ordens de um rapaz de 11 anos, mas Daniel era um miúdo às direitas. O jovem espião viu o rapaz

a descalçar as botas e despir a roupa até ficar de cuecas e camisola interior. As escaladas constantes tinham-lhe deixado a pele grossa e mais parecia um macaco quando começou a trepar pelos ramos, com os binóculos de Luc pendurados ao pescoço.

– Cuidado – avisou Paul quando Daniel desapareceu no meio dos ramos, tornando-se apenas um restolhar de folhas a remexer na luz matinal.

Paul vasculhou a sua mochila e encontrou a granada de fósforo que usaria para avisar Luc e Michel quando avistassem o alvo. Cerca de 20 metros acima, Daniel passou a perna por cima de um ramo grosso, segurou-se bem com as coxas e limpou as mãos sujas à camisola interior.

– É escorregadio, mas a vista é fantástica – disse o rapaz, satisfeito, observando acima da copa das árvores a paisagem de campos e aldeias cruzada pelas linhas férreas. – Não queres vir cá cima?